

Apoio da Fiesp irrita Collor

Além da "canalha que circunda Sarney", o candidato do PRN à sucessão presidencial, Fernando Collor de Mello, recusa também qualquer apoio de entidades empresariais como a Fiesp, disse ontem o líder do PRN na Câmara, deputado Renan Calheiros, e reafirmou o assessor de imprensa Cláudio Humberto.

Collor quer a qualquer custo caracterizar sua candidatura como algo intimamente ligado à faixa mais pobre da população. "Ele foi eleito pelas classes D e E. As outras classes e o empresariado votaram no Covas, no Maluf, no Afif, no diabo a quatro", comentou Cláudio Humberto.

O tom ontem no comitê de campanha procurava traduzir a raiva com que Collor vem ouvindo ou lendo as notícias de adesões à sua campanha de nomes ligados ao governo ou ao meio empresarial do Sudeste. "A simples insinuação já nos prejudica, imagine o apoio", dizia Calheiros.

A fórmula procurada por Collor é uma espécie de continuidade do que fez no primeiro turno. Ele procura adesões das lideranças intermediárias, regionais, do meio político. Troca sem qualquer cerimônia prefeitos como Alóisio Gama, de Nova Iguaçu, ou Hidéckel de Freitas, de Caxias, ambos da Baixada Fluminense, por um governador do porte de Moreira Franco, do Rio de Janeiro. "Será através de pessoas como estas que traremos o apoio do PDT não brizolista", afirma o assessor Juca Colagrossi, responsável pelo mapeamento de adesões a Collor nos diversos Estados brasileiros.

Com relação ao meio empresarial, Cláudio Humberto é bastante claro: "Aceitamos o voto de todo mundo, mas não engajamentos à campanha". E Colagrossi acrescenta: "Quem desse pessoal que realmente deseja apoiar o Collor fica em silêncio, não fica fazendo declarações".

Os assessores parecem especialmente irritados com as notícias que saem do setor governamental, como a de que o ministro do Desenvolvimento da Indústria e Comércio, Roberto Cardoso Alves, apoiará Collor. "O cinismo desta gente é usado para atrapalhar a campanha", insiste Calheiros.

Cláudio Humberto recorda que o candidato já recusou o apoio de empresários do porte de Mário Amato, presidente da Fiesp, e da sua entidade no início da campanha. "Se não queríamos ver o nome desta Fiesp ao lado do candidato naquela época, por que iríamos desejá-la agora. A Fiesp não tem nenhuma importância eleitoral. Não tivemos e nem teremos contato com ela", garante.

Renan Calheiros, para deixar bem evidente a independência com a qual Collor pretende caracterizar sua candidatura, fez inclusive uma referência ao senador Mário Covas, candidato do PSDB, quarto colocado nas eleições do primeiro turno, e um dos apoios mais cobiçados na segunda rodada. "Não queremos Covas ao nosso lado pelos 7 milhões de votos que obteve, mesmo porque estes votos não se transferem de cima para baixo. Queremos o apoio dele e do seu pessoal para governar o País. O apoio que procuramos é para não atirar este país numa aventura. Não nos preocupam os votos. Eles virão naturalmente."



Collor aperta a mão de um garoto ao sair de um restaurante em Brasília. Ele quer apoio direto do povo.